

Cavacos de história da imprensa em Campinas

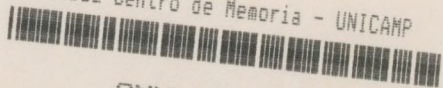
Correio Popular

30.4.44

JULIO MARIANO

(Palestra realizada na reunião-almoço do Rotari Clube de Campinas, de 22/4/44).

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030273

A primeira gazeta que veiu a luz em Campinas trouxe no cabeçalho a data de 4 de abril de 1858, coincidindo, portanto, com o jubileu da imprensa indígena. E como uma história há-de puxar outra história, é de bom aviso começar uma pessoa desde logo de trás, para não tornar atrás mais adiante.

A imprensa, no Brasil ainda colonial, semi-botocudo, não foi rebento de gestação laboriosa e nem de dorido parto, para que se ardeie em tiradas longas, os feitos e perícia de u'as mãos de comadre que a botaram ao mundo. A bem dizer, a nossa imprensa não nasceu. Apareceu. Nenhum bando alviçareiro do sr. Dom João, Príncipe-Regente, nenhum foguete ruidoso do pirotécnico-mór da Côte, houveram por bem assinalar o fato como acontecimento de truz. Também, quando o marujo Maximiano de Sousa apertou à Guanabara, com o seu brigue "Voador", naquele dia 14 de janeiro de 1808, não se poz aos berros e nem aos cochichos junto aos ouvidos do bom e leal povo carioca, para dizer — "Ai vem a imprensa" ou "Vamos ter gazeta nesta terra". Correu ele tão somente a palácio — é de acreditar-se que sem se recompor da afobação —, a prevenir o vice-rei, o sr. Conde dos Arcos, que por aqueles dias ou por aquelas semanas mais chegadas S. Excia. haveria de receber hospedes tão ilustres quão imprevistos. Sim, era justamente da família real dos Braganças que se anunciava a vinda, ela toda, trazendo de cambulhada nobre e numeroço séquito.

No entanto, ignorados, perdidos, jogados a um canto qualquer do porão do "Meduza", em meio a confusão de malas e bagulhaques do sr. Dom Antonio de Araujo e Azevedo, futuro Conde da Barca; navegando igualmente para estes brasis, como que fugindo também das Europas, do anti-cristo Napoleão, dos carbonários bandidos e hereges — lá estavam as coleções de tipo, os eizevires novinhos, arrumados em "paquet", e também os mancais do prélo. Dois prélos! Material bastante para a instalação do primeiro jornal brasileiro.

Em verdade, objetos de compra feita em Londres e consignados à Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra do Reino, e seu fim não era

esse de alimentar a curiosidade pública. Tinham destinos outros que não os das gazetas novidadeiras. Não importa. O homem põe. Deus dispõe. A 10 de setembro daquele mesmo ano da graça de 1808, surgia mofina, empalmada, a "Gazeta do Rio de Janeiro". Uma folha impressa, indecisa entre semanario e bisseanario, mais para a divulgação das ordens e atos de S. A. o Príncipe-Regente, o que não impediu o aproveitamento das claras das suas colunas com os anúncios gratis de quaisquer que os levassem à redação.

TIBURCIO PAI DE TODOS

Na tarjamba, como o nosso primeiro jornalista de fato, em ordem cronologica, um Frei Tiburcio José da Rocha, cuja pena de ganço, no dizer de maliciosas linguas, fôra empreitada para louvarminhar os principes, desancar Napoleão e redigir os "economicos" da época. Malícia ou maledicência, em tais vozes, de certo que se não vai ralar com ela na mansão dos justos a sombra do Frei Tiburcio. Louvar e desancar, hoje quanto entem, constituem virtudes maiores para um profissional das gazetas. Quem pôde, louvaminha e desanca por si. Quem não pôde, louvaminha e desanca pelos outros, isto é, por um grupo, uma facção, um governo, despindo à porta das redações o luxo na verdade inutil e demasiado caro dos idealismos proprios. Frei Tiburcio José da Rocha, puxando fila nesta grei, tinha que se desbarretar de boa cara diante dos principes e dos nobres. Mas vejamos como ele e a sua gazeta vão enroupando o canastro e dando refêlhos ao espirito de acôrdo com o figurino do tempo.

Escrevendo a história do jornalismo carioca, o hoje amadurecido mas o seu tanto irreverente Gondim da Fonseca, achou acertado dividir em cinco fases distintas todo um seculo da imprensa metropolitana. Vimos na primeira fase: — Frei Tiburcio defensor incondicional da corôa e do altar, e que assim vai de 1808 a 1820. Segunda fase: — já encontramos um cidadão Tiburcio, com a lingua mais destrelada que o frade, melhor prosa alguns versos chôchos, detando "artigos de fundo" recheados de principios liberais e constituição espanhola de Cadiz, metido consigo em seitas maçônicas, clubes patrióticos, etc.. Esta época assinalou a Gondim

entre 1821 e 1830. Terceira: — Tiburcio jornalista foi a deputado. E' mais ardoroso patriota, arrelento jacobino, berra contra os chamados "marinheiros", "gallegos", "pés-de-chumbo". Não quer saber de Pedro I e nem de nenhum reinol em casa — tudo entre 1831 e 1840. Para a fase quarta, — tropeçamos com um Tiburcio mais acomodado, burguês de respeitosas suissas, ao envés do agressivo bigode, trazendo elegante bengala de castão de ouro, ao envés do nodoso porrete dos passados motins de rua. Conselheiro Tiburcio é um titulo que lhe cái bem à natural gravidade, harmonizando à faliuha mansa sobre coisas profundas. Afirma-se que este novo figurão das gazetas teve um reinado nas colunas impressas quasi tão longo quanto o do sr. Pedro II no Brasil, pois manejou a pena erudita em defesa dos possiveis direitos do povo de 1840 a 1870. Para a fase final, na obra de Gondim da Fonseca, Tiburcio se fez bacharel, com todas as virtudes e os vícios que se apontam no doutor jornalista.

Não nos distanciemos, porém, do mais velho Tiburcio, a quem nos cumpre dar piedosa sepultura. Que Deus tenha ao pé de si, e as associações de imprensa no seu oratorio particular, o modesto e quasi ignorado Frei Tiburcio, primeiro da ilustre confraria de tantos Tiburcios que aí vicejam, saboreando gordo e farto do regabofe das louvaminhas.

A "AURORA CAMPINEIRA" DO TIPÓGRAFO JOÃO TEODORO

Campinas teve na "Aurora Campineira" o seu primeiro jornal. E em João Teodoro de Siqueira e Silva o seu primeiro gazeteiro profissional. Isto foi, já o dissémos, lá pelo ano de 1858, quando ainda de muito uso poraquí os babados romanticos. Que dizer do seu aparecimento? Um despontar de aurora que nenhum cronista nos diz si foram ou não de festivas clarinas, naquele domingo 4 de abril de 1858. Capos de sobressalto

à curiosidade pública, noite a dentro de sabado, horas mortas, no escuro e ermo da rua do Portico, visinhança do cruzamento da rua da Bica Grande, isto é, esquina Ferreira Penteados e Irmã Serafina de hoje, tão só ao que se conta, aquele rumor de ferros velhos em entrechoques bimbalhantes a que se chamou mais tarde o "gemer dos prélos". Era o parto imprevisto da "Aurora Campineira". Uma folha medindo 30 centimetros de alto, por 20 de largura, em quatro paginas com duas colunas cheias, corpo 8, de publicação semanal. Desse acontecimento, cuja repercussão na provincia e imperial "Princesa D'Oeste" não chegou até nós, só foram notificados oficialmente os srs. eds, uma semana mais tarde, por via do seguinte officio:

— "Ilmos. srs. Em virtude do artigo 303 do Código Criminal, declaramos a vossas senhorias que estabelecemos nesta cidade, à rua do Portico n.º 17, a nossa officina tipografica, onde no dia 4 do corrente, démos à luz um periodico sob o titulo "Aurora Campineira", o que levamos ao conhecimento de vossas senhorias em cumprimento do mesmo artigo. Deus guarde a vossas senhorias.

Campinas, 10 de abril de 1858. (aa) Silva & Irmão". Vejam nos componentes dessa firma Silva & Irmão os dois Teodoro de Siqueira e Silva, João e Francisco, proprietarios e editôres e também redatores da "Aurora Campineira". As velhas crônicas dos fastos da "Princesa D'Oeste" quasi ignoraram o Francisco, aliás o mais moço dos dois irmãos, para somente se estenderem com as fanfarras do João. E' que, jornalista de verdade, só este, e não o outro. Um Tiburcio sem estamemha, o João Teodoro, que se inclui no rol dos cidadãos gazeteiros daquela fase segunda da imprensa metropolitana, os dos principios liberais, seitas maçônicas, etc.. Ao envés de bacharel ou deputado, tipógrafo, simples tipógrafo, rematando os proprios artigos nos catolãos

poerrentos frelando o quanto possível as atropeladas idéias no seu vão largo para que fossem apanhadas uma a uma pelos tipos em viagem da caixeta ao componedor das linhas.

Em se sabendo do tipógrafo, não admira o destemor e belicoidade de João Teodoro, que andou aos trancos e trompaços com muita gente graúda cá da terra, incluso o meretíssimo juiz da Comarca. O tipógrafo, mesmo quando pretenda consertar o mundo e nivelar a sociedade a dinamite, é sempre um idealista sincero. Manejando sem ganâncias de estilo a pena de jornalista, pôde descer a pasquinheiro sujo, metendo a mão em escândalos, sem deixar no entanto, de ser honesto aos princípios traçados. Que dizer, porém, do primeiro Tiburcio aparecido nesta terra? Gazeteiro de combate, em época que se afirma algures ter sido a dos "assalariados porretes, moedores e atrevidos", das "venalíssimas garruchas, liquidadoras de teimosos", o João Teodoro não se vendeu, não levou tunda e nem chegou a engulir uma folha impressa que estampasse um dos seus artigos mais desaforados. Só aguentou a mão em quinze processos, por delitos de imprensa, durante os dois poucos anos de vida da "Aurora Campineira".

Valente João Teodoro!

O PASQUIM DO PIMENTA

"O Vigilante" e o Pimenta, seu redator-proprietário, não figuram nas crônicas que historiam a vida da imprensa campineira de outro século. Assim, de acordo com o que nos deixaram os graves e circunspetos anotadores das coisas e fatos do passado, nesta boa cidade, a imprensa campineira de 1882 se compunha unicamente de três diários: a "Gazeta de Campinas", da qual fôra primeiro redator Francisco Quirino dos Santos e continuadores João Quirino dos Santos, Américo Brasiliense e Carlos Ferreira; o "Diário de Campinas", com o Antonio Sarmiento feito diretor, Barcelos chefiando a redação e o General-

ves Picheiro na gerência; e "A Opinião Liberal", folha monarquista — conservadora para a época —, em grande formato, dirigida pelo vigoroso polemista Polícarpo Teixeira de Almeida Queiroz, parente, ao que afirma Alberto Faria, do incomparável Eça das letras lusitanas. De certo que uma imprensa mais literaria que noticiosa, e acima de tudo politica, cada folha com a sua bandeira de partido a defender provocando, por isso, muito e forte bate-boca. Mas, assim mesmo com os xingamentos, que eram atrados daqui e retrucados de lá, referem-se todos os cronistas a êsses jornais como limpos de representação cultural para uma época saudosista.

Quanto a "O Vigilante", sobrou de proposito em laconica referência de Benedito Otavio como uma folha de "nefanda memória".

Torpe "Vigilante"! Excomulgado Pimenta!

E' a tradição oral quem conta o ponco que se sabe do jornaleco e do seu esgaratujador, aquele Pimenta desabusado, mulato dos olhos gateados. "O Vigilante" viera à luz, "preencher uma lacuna" na imprensa local, no dia 22 de junho de ... 1882. Tinha a sua redação e officina — uma officina com meia dúzia de caixas de tipos velhos e um prélo cambalo — na rua Lusitana, fundos do tão falado Hotel da Europa, que por sua vez dava para o Beco do Inferno (Travessa São Vicente de Paulo), no quarteirão formado com a rua do Caracol, Benjamin Constant de hoje. Hebdomadário, que era, ao que parece surgiu "O Vigilante" com a legenda de crítico, humorístico e de combate, em sua testada, o que se resume por bisbilhotices deslavadas na vida particular do proximo, cosimento de escândalos, verrinas, tudo numa linguagem e despudor dos arrieiros da rua das Pingas, quando diziam mexericos das comadres lavadeiras da Bica do Juca Aleijado. O Pimenta mesmo redigia, o Pimenta mesmo comunha na col-

xa e fazia imprimir no prélo cambalo o seu jornal. E que de coisa feia não trazia "O Vigilante"! Falatórios de rua, entriguinhas de alcova, verdades perigosas, que se não deve dizer sinão em cochichos, mentiras que não deveriam nunca ser inventadas para o sossego das famílias, gragolas pesadas, críticas imundas...

— Ora o que foi descobrir "O Vigilante"!

— Que foi? Que foi?

— Que "seu" Fulano de Tal anda trazendo de beigo a mulher de "seu" Beltrano!...

— Safu isso no "Vigilante"? Não me diga! Alguem ainda entôpe com uma carga de chunibo a boca do Pimenta!

— Sujeito safado! Conta as coisas por miúdo, que uma pessoa não pôde deixar de acreditar.

— Negro do olho de gato! Pasquim do Inferno!

Diziam cobras e lagartos do Pimenta. Cobriam de palavras o seu jornal. Mas liam-no. A curiosidade de meter os olhos na vergonha alheia era sempre mais forte. Não era raro o papelucho penetrar em certas residências senhoriais pelos fundos, escondido no seio de uma mucama de sinhá moça, enfiado na algibeira de sapiquá de um crioulinho pagem. Leitura proibida à luz do sol, não deixava de ser devorada sob a chama das candeias, em quarto fechado.

Era preciso acabar com "O Vigilante". Ameaça de tunda no Pimenta? Que adeantavam as ameaças? Sem uma lei que o amordaçasse e escorando de frente os esbarros, o Pimenta ria forte e falava grosso detrás de "O Vigilante". Que se atrevessem!...

Meses depois do aparecimento do pasquim, já ninguém mais aturava aquilo. Combinou-se, então, uma surra mestra ao desabusado redator e empastelamento do jornal. E veio o dia 29 de novembro de 1882, por sinal, que uma quarta-feira, para o péga no Beco do Inferno. Era escurinho, sete horas da noite, quando um bando de gente, cinquenta ou sessenta pessoas, desembocou por ali tudo — rua do Comércio, rua do Caracol, rua Lusitana —, aglomerando-se ameagadoramente na esquina do beco, onde, conforme ficou dito, se achava a officina de "O Vigilante". Boa dúzia de capangas assalariados, crôulos escudidos,

armados de porrete, faca de ponta, chefiava a súcia para a desordem. E chocou-se a turba de encontro á porta fechada do jornal.

— Quebra!

— Bota no chão essa porta!

Lá dentro, o Pimenta e mais alguns auxiliares tipógrafos, que trabalhavam na edição da semana, procuravam reforçar as tranças. A porta resistiu ao primeiro arremêso, mas não a janela, que se espatifou. Foi quando o Pimenta, ou outro qualquer, do lado de dentro, fez uso de arma de fogo. Dois ou três tiros provocaram correria no beco. Uma bala perdida raspu a pele do moço Firmino Lopes de Sousa. Mas os assaltantes, refeitos do susto e dispostos mesmo a acabar com "O Vigilante", tornaram à carga, respondendo também a tiros. Invadiram logo a redação e officina. O Pimenta escapou pelo telhado.

A praça estava, enfim, conquistada! Tipos, prélo, tinta, originais, e até um colchão velho, vieram parar na rua, onde se ateou fogueira a "O Vigilante". Depois, em passeata bulhenta pela cidade com banda de musica e foguetes, os empasteladores de "O Vigilante" visitaram as autoridades e os jornais, os grandes jornais. Houve discursos e houve o diabo, em regozijo! E, fato interessante, nenhum soldado deixou a rua da Cadeia — um pulinho só, daí do Beco do Inferno! —, para salvar "O Vigilante" ou para dispersar a multidão.

A polícia foi chamada a agir, dias passados, quando em editorial o "Diário de Campinas" solicitou a atenção das autoridades para certos excessos do povo, ainda por causa do "Vigilante". E' que entre a papela-da dos originais do Pimenta, o que se salvou das chamas, foram encontrados alguns escritos, sem assinatura, mas com a letra de Fulano ou de Beltrano... e uma simples suspeita era o bastante para se tirar vingança de muita gente...

— Então foi você o tal que mandou estes mexericos pra sair no "Vigilante", não foi?...

E o pau cantava nos becos mais desertos, mais escuros...

Novena de pancada por intenção de "O Vigilante"!

Também, ninguém mais soube do paradeiro do Pimenta, o mais famigerado e reles de quantos Tiburcios por aqui passaram...